

Para a formação do Exército único

7/7/93

# Dhlakama compromete-se enviar seus instrutores a Nyanga

A.1.4

por Santos Pacule, nosso correspondente em Washington

**A Renamo comprometeu-se a enviar instrutores para o futuro Exército moçambicano unificado ao Zimbabwe, até ao próximo dia 12 deste mês, enquanto o Governo reafirma que os seus homens estão disponíveis para avançar a qualquer momento.**

A questão da formação do Exército nacional unificado figurou entre os tópicos das discussões entre o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, e o Subsecretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos, George Moose, no dia 24 de Junho, em Maringué.

Informações em nosso poder, fornecidas por fontes diplomáticas em Washington, indicam que Dhlakama garantiu a George Moose que «a Renamo enviará os seus homens para o treino militar conjunto, no complexo zimbabweano de Nyanga, até ao próximo dia 12».

Para o Ministro do Trabalho, Teodato Hunguana, não é a primeira vez que se ouviu tal promessa «que depois não se confirma, porque pura e simplesmente não se honram os compromissos. Já houve no passado esse compromisso», disse recentemente.

O treino será ministrado por especialistas da Grã-Bretanha, França e Portugal, após o que os instrutores regressarão a Moçambique, para treinarem os militares que integrarão o futuro Exército nacional de 30 000 homens, sendo 15 000 do Governo e outros tantos da Renamo.

As autoridades moçambicanas dizem que os seus homens estão preparados para seguirem para o Zimbabwe assim que houver a confirmação de que desta vez o plano não vai falhar. A prontidão para o envio dos militares foi reafirmada, semana passada, pelo Presidente Joaquim Chissano no encontro com o Primeiro-Ministro britânico, John Major, na sua passagem por Londres.

«Nós tínhamos o nosso team pronto para seguir, e fomos mandados parar — que a outra parte — a Renamo — não mostrava disposta a enviar a sua parte, visto que é uma acção de preparação conjunta, com elementos enviados por ambos os lados», afirmou o Ministro do Trabalho, Teodato Hunguana.

O anúncio do envio de futuros instrutores a Nyanga surge por entre notícias confirmadas por fontes das Nações Unidas, em Nova Iorque, indicando que a ONUMOZ, no novo calendário sobre o processo de paz, propõe que seja a ONU a liderar a comissão de formação do novo Exército nacional.

«Esta é uma das propostas concretas do novo relatório do Secretário-Geral da ONU ao Conselho de Segurança, sobre a paz em Moçambique», disse uma fonte das Nações Unidas, explicando que a

proposta reflecte as dificuldades que se sentem na constituição das futuras forças armadas.

A Renamo exige, no entanto, que o novo Exército seja formado depois de concluída a desmobilização das forças dos dois lados, operação cuja realização condiciona também ao fornecimento de uniformes e botas militares aos seus guerrilheiros e à identificação da totalidade dos 49 centros de acomodação.

Contudo, as Nações Unidas dizem, no seu novo relatório sobre a paz para Moçambique, que estão criadas as condições para a desmobilização das actuais forças, tanto do Governo como da Renamo, no que parece ser uma resposta à exigência da Renamo.

No encontro com Afonso Dhlakama, Moose levantou também a questão da Lei Eleitoral, realçando a importância da mesma ser aprovada ao longo deste mês, e obteve a garantia de que a Renamo apresentaria ao Governo moçambicano, por escrito, as suas observações ao projecto da lei que vai regular o processo de eleições, no prazo de uma semana, a contar da data da reunião de Maringué.

O Secretário-Geral da Renamo, Vicente Ululu, informou o Ministro da Justiça, Ossumane Ali Dauto, na terça-feira da semana passada, que o seu movimento ainda não tinha concluído a análise do anteprojecto elaborado pelo Governo.

De acordo com o Ministro Ali Dauto, o representante da Renamo na reunião da passada quarta-feira entre o Governo e os partidos políticos reafirmou que as observações da sua organização ainda não estavam disponíveis.

Moose disse ao Presidente Joaquim Chissano que a sua deslocação a Maringué não significa um reconhecimento de duas administrações em Moçambique, mas sim uma iniciativa destinada a encorajar Afonso Dhlakama a observar o espírito do Acordo Geral de Paz.

O Subsecretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos terminou a sua visita a Moçambique na semana em que 19 pessoas foram raptadas pela Renamo, por terem sido encontradas a caçar na reserva de Zitundo. Não houve qualquer comentário por parte de entidades oficiais americanas ao acto, embora alguns observadores interroguem se a Renamo pode ou não prender pessoas, num país cuja administração é reconhecida através

dos Acordos de Paz que assinou com o Governo.

O Governo notificou as Nações Unidas sobre o incidente e exige que a Renamo se retire da zona onde foram raptadas as pessoas, "porque foi ocupada depois da entrada em vigor do cessar-fogo". A notificação sobre a ocupação da zona em referência foi feita em Dezembro do ano passado.

Fontes diplomáticas americanas anunciaram, entretanto o adiamento, para Setembro, da visita de Afonso Dhlakama aos Estados Unidos da América, inicialmente prevista para este mês. O motivo do adiamento não foi revelado, mas admite-se a pretensão de eventuais interlocutores de Dhlakama em Washington — Moose é um deles, — de ver o processo de aplicação dos Acordos de Paz com uma dinâmica ainda maior, antes de lhe concederem audiências.